

O sol da tarde

Adriana Aneli

A borboleta espia sua libertação

Anahí Celeste Cao

*”... a linguagem é uma das manifestações mais evidentes e universais do princípio do prazer...” — Ivonne Bordelois, em *La palabra amenazada**

Lateja o pulso n’o *sol da tarde* porque a poeta sabe que o pacto da respiração se acaba; a vida nasce obrigada a um corpo na fragilidade da sua forma.

A consciência da mudança e a dor percorrem a obra unidos à ideia de liberdade na tomada de decisões ao reconhecer um antes e um depois. Nestes versos se observam o conflito e a perda *”... nota a dor/ (mas) não olha para trás...”*

Percebe-se n’o *sol da tarde* um estranho prazer por lembrar e gozar do desfrutado: *”... volto a percorrer as tardes em que o sol fraqueja (...) flutuo sobre um silêncio gelado...”*

Adriana Aneli nos confirma sua decisão, ao afirmar num tom que imagino reflexivo: *”... o que fiz de mim é melhor do que não fui...”* reafirmando seu caminho.

N’o *sol da tarde* a metáfora das asas é associada à ideia de renascer e apodrecer, eis que, aquilo que morre, deve morrer definitivamente, deixar de ser para que possa surgir o novo: *”... viscosa fruta/ se descompõe/ daqui vejo asas em formação/ remota palavra...”*

Quando leio *o sol da tarde* sinto uma voz feminina que luta entre nervos estirados e palmas abertas espionando sua libertação, sua música, borboleta...

Uma poeta, uma mulher que decide mergulhar no reconhecimento da sua linguagem profunda. Momento poético em que a experiência é sonoridade, memória sensível.

neste processo nasce a libélula

neste processo nasce a libélula

mil asas batendo

ilusão perigosa

se não puder parar

se não puder renovar

se não puder viver

alguns dias

?

esbarro na sua

esbarro na sua
quase sem querer
minha vida
mãos proibidas
chegarão até mim?

trago versos de rua

trago versos de rua
risadas recolhidas
conversa esquecida no tempo
mergulho infinito
na boca que se abre.

rosa vento cruz fogo

rosa vento cruz fogo
caminho nunca possível
desperta-me sua voz rosto braços
vida geométrica
a lógica se derrama.

mas quando vem

mas quando vem
mas quando vem
desatina
era assim com Camille
era assim com Adele H.
e comigo
corta o ar a vespa mandarina
zumbe até
que você esteja
totalmente consumido.

seu olhar diz o que não devo

seu olhar diz o que não devo
e ordena despe
seu olhar aprisiona
minha culpa
deito nua nesse olhar
que atravessa
rasga
desobriga.

evaporo

evaporo

estação quente

deslizo em gotas sobre você.

mistura tudo

mistura tudo
com um pouco de graça
começa larga separa desfruta
vida se agita entre as pernas
prédios emoldurados
onipresente espaço que voa interage
eterno
espasmos se alternam em meu amor
eterno
mistura a graça separa
pernas onipresentes
e me larga na rua
de novo.

o menino pergunta

o menino pergunta

- por quê?

entre uma partida de futebol e outra

recolho a lata construo a casa costuro a roupa

se lavar o para-brisa se varrer a calçada se cobrir o grafite

[adianta?]

a sujeira está tatuada

circo desfila palhaço me pede esmola

motocicletas buracos

dou minha risada

somos todos marginais

trago bananas

dinamite na cintura.

então bailamos

então bailamos
bailamos arlequinos de nós
alheios ao cadafalso
tempo hostil complexado
fugimos
com máscaras multicoloridas alegres penachos rodopios
espantalhos da casa de loucos pobremente trajados
seguimos às gargalhadas.

imprimi na sua

imprimi na sua
quase sem querer
minha pele
os corpos se costuram.

confesso

confesso

não percebi o momento de nossas mãos

algemadas

tentei me segurar enquanto você me levava

e me divirto agora que não podemos nos separar

um do outro.

feita de reconstruções abro as asas

feita de reconstruções abro as asas
de cortes profundos
colho alegrias cultivadas
a poesia que aprendi dos seus lábios
brota agora
mutilada
não me espanto
você se apossou de tudo o que é meu
já não posso dar um passo
sem tropeçar nos seus sapatos.

cega de mim me perdi

cega de mim me perdi

tatee

nuvem negra

calma branca renascida ao espetáculo armada e feroz

cega de todas as dores de todas as cores alheia

flor vermelha intensa

veloz tolerante

às pedras pontiagudas fui

- livraram-me ao casulo

ao distante ao ermo ao precipício

você me aguardava silencioso

apenas para me dizer.

para não acabar o jogo mudei as regras

para não acabar o jogo mudei as regras
abandonei as ruas para velar seu sono
cruzei a estrada
acompanhei o cortejo
por amor desci mergulhei tão fundo
despejei o passado
desalojei lembranças
feri gritei desaprendi a andar
me despi de tudo
desisti do arrependimento
faria tudo de novo.

quis parei você insistiu

quis parei você insistiu
temi vacilei você sorriu
estendeu as mãos até que a fenda parecesse menor
você era fraco tão frágil
sobrou o abismo
sob os pés o grito o eco
o corpo agora é deserto
e cínico o meu desespero.

enquanto me enfeito

enquanto me enfeito
mancho os lábios na taça de vinho
e suspiro
não serve mais a roupa da última festa.

encarcerados entre fraquezas

encarcerados entre fraquezas
envelhecemos
formigas carregam sonhos picados
escalados para papéis secundários
aceitamos a correção
sem sobressalto.

na escolha me lanço

na escolha me lanço
sem poder
falar (ou) latir
aguardo
reconheço quem me trouxe de volta
à casa
fingidores dormimos.

figueira-vermelha

Eles me contaram, Heráclito; eles me contaram que você estava morto. Eles me levaram notícias amargas de ouvir, e lágrimas amargas a derramar. Eu chorei quando lembrei com que frequência você e eu havíamos cansado o sol conversando, e o baixado do céu.

(Calímaco, citado por C.Hitchens)

Ellos me contaron, Heráclito; ellos me contaron que tú estabas muerto. Ellos me llevaron noticias amargas de oír, y lágrimas amargas a derramar. Yo lloré cuando recordé con qué frecuencia tú y yo habíamos cansado el sol conversando, e lo bajado del cielo.

(Calímaco, citado por C.Hitchens)

figueira-vermelha
história fatal
aves despertam sementes
engrossam ramos em torno da árvore
fagulha desencadeia o incêndio
encontro casual
nome trocado erva
taça de vinho vazia espera
também eu deito raízes
sobre você cresço
até seu completo estrangulamento.

sem conhecer as regras desta fase

sem conhecer as regras desta fase
compro seu ódio com insignificâncias
mãos deixam de ser mãos
por segurar uma faca?
sorriso se insinua pela escada
joga cartas
língua perambula
medo tinge a sala e se enrola no tapete
todo este pó
inevitável.

escorrego

escorrego

viscosa fruta

decompõe

daqui vejo asas em formação

remota palavra

presa nos dentes.

tento arrancar com as mãos pensamentos que não são meus

tento arrancar com as mãos pensamentos que não são meus

e espero

paciente

a noite cair da janela.

um pouco de pólvora ainda nos dedos

um pouco de pólvora ainda nos dedos
inseto esmagado contra a lâmina de vidro
tudo se reveza e confunde neste dia
claro
a noite vem.

com a tragédia ainda nos olhos adormece

com a tragédia ainda nos olhos adormece

no corpo enredam-se farpas

dor apenas muscular palpita

suor embaça

lágrima quente

pura tentação.

não podia ser diferente a vida

não podia ser diferente a vida\

- tenho alma de ópera italiana
atormetada pelo enredo
canta a ária
personagem atônita.

penetra em tuas veias licor amargo

penetra em tuas veias licor amargo

inconcebível

luta com alguma coragem para fabricar o antídoto

vento gelado beija suas mãos úmidas

tranquilo se entrega a um torpor muito brando

um silêncio de vôo

o tremor leve da terra

você está despreparado

enquanto não chega sua hora.

antes de abandonar o passado

antes de abandonar o passado

parti

apenas a sombra descansa.

tudo em silêncio

tudo em silêncio

casa vazia

os móveis fora do lugar

(nada se vê nos porta-retratos espalhados pela sala).

ainda o silêncio

ainda o silêncio

posso sair?

alguma chuva que cai

pés descalços afundam na grama ensopada

aspereza incomoda (tanto vivi entre o asfalto) o que esperar

depois da tempestade?

soa o apito

soa o apito

vigia a rua

madrugada por debaixo da porta

sombras desconexas da televisão ligada

tropeço

pelo corredor objetos deslocados

barulho abafado no andar de baixo

dói essa solidão sem propósito

acumulada.

paranoica entre eletrodomésticos

paranoica entre eletrodomésticos

aguardo

inadequadas raízes se espalham

levanto calçadas

tempestade urbana me desconecta.

caminho por horas

caminho por horas

mesmas ruas

por dias mesmas gentes com olhos de granizo

caminho calçadas imundas

lojas exalam sabonetes cor-de-rosa

caminho tanto e me detenho na conversa de sofá:

sempre um pouco de paz

na xícara de café com leite.

canteiros cultivados

canteiros cultivados

perfume cítrico

”família vende tudo”

nas caixas de papelão a alma aguarda.

desordenada ouço sua voz

desordenada ouço sua voz
leio pensamentos que atravessam a vidraça
você me atinge pálido raio de sol
vejo a mim neste dia
um brinquedo de corda.

debruça sobre sonhos antigos

debruça sobre sonhos antigos
procura bem
afasta a poeira que se deitou nas pálpebras
enxerga contra a luz
vê através
no papel fino mãos desenharam o mundo
ele é seu
borboleta pousa nos pés descalços
sente a doçura do rio
futuro
que escapou por entre frestas da sua jaula.

a música se aproxima

a música se aproxima
nervos estirados palmas abertas
brincam desenhos no papel desbotado
olha para mim a mariposa
incrédula
espia sua libertação.

rompe a terra e se despede de mim

rompe a terra e se despede de mim
brota sem consequência
em profusão
ri largamente dos que não a acompanham
nota a dor
(mas) não olha para trás\

- o que fiz de mim é melhor do que não fui?
olhos traem um reflexo antigo
enquanto a poeira se despresta
de sua roupa rasgada.

atenta à luz misteriosa invade a vitrine

atenta à luz misteriosa invade a vitrine

bailarina alada

voa alto e se arremessa gira torna a girar

cai esgotada

útero putrefato matéria cruel

em que as asas derretem.

volto a percorrer as tardes

volto a percorrer as tardes
em que o sol fraqueja
nuvens tomam formas pontiagudas
tudo é limpo e claro
paio sobre o silêncio gelado
até que o corpo finalmente evapore.

meus ossos ainda estão embaixo da escada

meus ossos ainda estão embaixo da escada
foram deixados lá
ninguém percebeu
poeira branca que aos poucos
cadeiras mesa tapete invade
pessoas conversam e riem na sala de jantar
desavisado
cai em minhas mãos um guardanapo bordado.

eu me reconheço em seu poema

eu me reconheço em seu poema
nestas tardes
em que comemoro o último dia.